

# O Movimento Tropicalista no Governo Artur da Costa e Silva

Edinan Santos Cerqueira<sup>1</sup>

Prof. MSc. Elton Linton O. Magalhães<sup>2</sup>

## Resumo

O presente artigo visa mostrar como a Tropicália influenciou diretamente na formação intelectual do brasileiro, principalmente no que diz respeito a desacomodação quanto ao Regime Militar. Nele foram abordados aspectos políticos na trajetória do então presidente Artur da Costa e Silva, suas atitudes e chegada até a eclosão do tropicalismo, buscar fazer uma ruptura com toda aquela violência e repressão visível aos mais diversos meios populares individuais e coletivos. Ressaltando a participação de nomes importantes das mais diversas áreas das artes: música, teatro, cinema, artes plásticas, etc., a quebra de paradigmas foi a marca do movimento, bebendo em fontes diversas e se formulando a cada nova composição e/ou exibição.

Tropicália. Formação Intelectual. Regime Militar. Ruptura. Artes.

## INTRODUÇÃO

A partir de leituras, análises, visualizações de vídeos e documentários surgiu esta proposição desafiadora de escolher um, entre vários aspectos, a serem mencionados num pequeno artigo sobre a Tropicália. Muitos temas poderiam ser escolhidos e principalmente retratar os artistas individuais em coletividade em prol da evolução tropicalista, mas a influência da Tropicália tocou com maior efervescência a vontade de escrever.

Pensando no desafio constante que os artistas tiveram para delatar sua arte, afinal vivíamos os tão famosos Anos de Chumbo, sob regência de Artur da Costa e Silva, a versatilidade e inteligência dos protagonistas é que aqui virão a ser destacadas. Com sua linguagem dribladora, metafórica, ou melhor, carregada de muitas Figuras de Linguagem, as letras tropicalistas ganham seu destaque durante toda história deste país. Eximindo e não excluindo a música, no teatro, se viu a dramaturgia de José Celso Martinez Corrêa, no cinema as belas películas de Gláuber Rocha tendo como seu fiel escudeiro Roque Araújo, na poesia e composições os suaves toques de Capinam, a maestria de Rogério Duprat, etc. Enfim, a carregada influência intelectual que estes artistas deixaram.

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela UNEB - Universidade Estadual da Bahia - e graduado em Letras Vernáculas pela UCSal - Universidade Católica do Salvador.

<sup>2</sup> Docente em Literatura da UCSAL – Universidade Católica do Salvador – e Mestre em Literatura pela UFBA – Universidade Federal da Bahia.

## **1 O GOVERNO ARTUR DA COSTA E SILVA**

Nascido em Taquari, no Rio Grande do Sul, em 3 de outubro de 1899, Artur da Costa e Silva foi, cronologicamente o segundo Marechal o governo o Brasil durante o período do Regime Militar. Advindo da Escola Militar do Realengo, participante da ARENA, o “partido da situação”, a Aliança Renovadora Nacional, Costa e Silva foi se formando e lapidando no militarismo a partir da criação da Escola para Militares no ano de 1946, ainda no governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951).

Em 1963, com vigor e já com poderes em mãos, foi dos principais rivais da população brasileira em suas manifestações e do então presidente João Goulart, reprimindo com aguda violência os manifestantes estudantis da Região Nordeste do nosso país. Com isso, enquanto era chefe de Departamento nas Forças Armadas, Costa e Silva foi se popularizando por sua rude postura em reprimir movimentos populares. Era, inquestionavelmente, fonte de confiança e credibilidade para os comandantes de maior patente no Exército nacional.

Em 1964, cinco dias após a instalação do Golpe Militar em 31 de março, foi nomeado Ministro da Guerra, cargo que hoje corresponde ao Ministério da Defesa, substituindo Jair Dantas Ribeiro. Enquanto isso, governando o país se via o também Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco tomando as primeiras medidas repressivas em um todo frente à população. A ideia inicial de implantar o Regime era causar um susto que duraria poucos meses, no mais tardar dois anos, porém o sonho da volta à liberdade era cassada e intensa, com um ultrapassado discurso, utilizado desde o Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas, a latente ameaça do Perigo Vermelho, o Comunismo.

Em princípio se via até formas de acreditar nessa possibilidade, afinal três anos antes o então presidente Jânio Quadro (1961) entregara a Medalha Cruzeiro do Sul ao então para o então Embaixador e Ministro da Indústria de Cuba, também conhecido pelo acúmulo de cargos como Primeiro Ministro, Ernesto Guevara de la Serna, vulgarmente conhecido como Che Guevara. Lembrando que dois anos antes havia ocorrido a Revolução Cubana (1959), comandada por Fidel Castro, falecido nesse dia 26 de novembro de 2016.

Primeiro perigo visível e como se não bastasse, pouquíssimo tempo depois envia seu vice-presidente para China, outro país Comunista, que não por acaso viria a ser João Goulart.

A população, com taxas de analfabetismo ainda beirando os 70%, acreditava em tudo que era notícia através da mídia impressa e do rádio. Os militares faziam questão de disseminar a probabilidade do Comunismo adentrar o Brasil. O povo temia porque cerca de vinte atrás o mundo se via tenebroso com a menção deste nome, ele era símbolo de retrocessos e baixas na economia em virtude do fechamento de muitos meios de comércio com empresas estrangeiras, ocasionando uma déficit na balança comercial que poderia quebrar o nosso país, que, nesta época, 1963/1964, já vinha com um grande rombo na dívida externa em virtude do governo Juscelino Kubitschek (1955-1960) ter entregue o país ao capital estrangeiro norte-americano.

Assim, a Ditadura Militar encontrou os suportes perfeitos para sua implantação. Vale-se lembrar também que basicamente toda América do Sul passava por um contexto político parecido. Em suma, o que os cidadãos brasileiros não contavam era com a perda total dos seus direitos individuais e coletivos, dentre elas podemos citar, as perdas: de garantias individuais, da liberdade de expressão e pensamento, dos direitos do cidadão, imposição da censura aos meios de comunicação, extinção do pluripartidarismo.

Resumindo-se apenas ao bipartidarismo, o cenário era explícito e totalmente desigualitário, com a ARENA, supracitada, sendo o “partido da questão/ocasião”, que apesar do nome nada tinha de renovadora progressiva, apenas regressiva, o partido das Forças Armadas, contra o MDB, o partido da oposição, Movimento Democrático Brasileiro, hoje também conhecido como PMDB, que naquela época era obrigado a seguir um velho ditado popular “manda quem pode, obedece quem tem juízo”, ou seja, era totalmente subordinado ao primeiro. A relação entre ambos era no mínimo injusta ou de fachada.

Apenas por essas básicas características mencionadas nos parágrafos anteriores, imaginemos o cenário popular de produções gerais no Brasil. Egocêntrico e só se desenvolvendo para substituir Castelo Branco, Costa e

Silva se mantinha firme no Ministério da Guerra, utilizando, a plenos pulmões, ordens repressoras e assassinas quanto a populares protestantes nas ruas, principalmente: estudantes, professores, escritores rebelados, músicos, etc. Assim, Costa e Silva se manteve naquele Ministério até dia 30 de junho de 1966, quando correria, no Palácio do Catete, uma decisão para saber qual seria o próximo general a governar o país.

Não seria, assim como não foi, novidade nenhuma ver o velho Ministro de ataques populares ser indicado e anunciado ao cargo de presidente da República para o ano seguinte, 1967. Ele tinha todos os atributos nos quais militares precisavam para os anos posteriores, era a hora de deixar um Marechal cordial e pôr uma de “linha dura<sup>3</sup>”, centralizador e autônomo, que fizesse os brasileiros sentirem verdadeiramente o ardor do Movimento com todas atrocidades necessárias e/ou desnecessárias.

Após todo este trâmite e período de manutenção, em 15 de março de 1967 assume a presidência da República o Marechal Artur da Costa e Silva, na linha presidencial ditatorial, o segundo a assumir o Regime Militar no Brasil.

A ascensão de Costa e Silva mergulhou o país no acirramento do processo ditatorial, multiplicando e intensificando práticas de tortura, prisões, exílios, desaparecimentos. Os Anos de Chumbo tiveram o seu início com o fortalecimento da repressão. (GONDIM SANTOS; COSTA SOUZA, 2013)

Com isso, não seria nenhuma novidade, o Congresso nacional, assim como ainda hoje, apenas, claro, com menor vigor se compararmos a imposições e repressões gerais, era totalmente passivo as decisões em um todo.

A população brasileira não participava de fato do processo político, e o próprio Congresso, que deveria exercer a função de casa da cidadania e da democracia, era um instrumento de ratificação das decisões tomadas pelos militares, que, por sua vez, atendiam aos interesses de determinados grupos conservadores que continuavam a apoiá-los. (GONDIM SANTOS; COSTA SOUZA, 2013)

Mas é claro que nem todos aceitavam essas transições que ocorriam dentro da Ditadura, prova disso foi que Carlos Lacerda, João Goulart, Juscelino

---

<sup>3</sup> Foram considerados Marechais de Linha Dura os presidentes com maior vigor de investidas violentas contra a população: Artur da Costa e Silva (1967-1969) e Emílio Garrastazu Médici (1969-1974).

Kubitschek, dentre outros, formaram naquele ano a chamada Frente Ampla, com seu caráter eminentemente político, requeria eleições democráticas para todos os cargos, reeleitura ou formulação de uma nova Constituição Federal e anistia. Não sendo menos de se imaginar, o movimento fracassou, mas deixou legado de descontentamento de parte dos políticos que tinham a ideia de representar os direitos populares.

## **2 A INVESTIDA TROPICALISTA**

A Tropicália foi um movimento revolucionário que surgiu em 1967 em pleno período de Ditadura Militar, pode-se dizer que nasceu exatamente no Festival de Música Popular da Record. Abrangeu diversas manifestações artísticas como: teatro, artes plásticas e poesia, mas principalmente a MPB - música popular brasileira. O movimento tornou-se reflexo das transformações de várias áreas que aconteceram no Brasil e no Mundo. Tinha objetivos comportamentais, misturou revelações tradicionais da cultura brasileira e pôs em destaque também as novas formas estéticas radicais que faziam parte do grito contra o golpe de 64.

Restringindo-nos apenas a música, ponto no qual a Tropicália ganhou maior vazão, observamos que ela também se caracterizou pelo chamando “sincretismo musical”, pois abraçava várias vertentes da Música. Assim, os compositores demonstravam um tom poético e até certo ponto dançante, mas carregado de críticas, ambiguidades, musicalização e estrutura harmônica. Seus nomes mais conhecidos foram: Gilberto Gil, Caetano Veloso, Geraldo Vandré, Gal Costa, Maria Bethânia, Tom Zé, Os Mutantes e Torquato Neto.

“O tropicalismo foi muito importante no sentido em que serviu para modernizar a música brasileira, incorporando e desenvolvendo novos padrões estéticos. Neste sentido, foi um movimento cultural revolucionário, embora muito criticado no período. Influenciou as gerações musicais brasileiras nas décadas seguintes.” (suapesquisa.com, 2011)

Além do mais, símbolo de toda a versatilidade da Tropicália foi a multifacetada exploração dos ritmos musicais. Seus componentes bebiam nas mais diversas fontes para compor toda aquela musicalidade efervescente, ritmos como: Rock, Bossa Nova, Baião, Samba, Bolero, Forró, etc. A mistura

de instrumentos era bem desconhecida a tudo que se via antes, prova disso era a escuta dos Beats enquanto banda de Rock e as bandas de pífano de Recife/Caruaru, postulando todos os instrumentos dentro de suas peculiaridades individuais a uma harmonia raríssima até ali.

Com o movimento foi dado, com certeza, um grande passo à frente no meio da música brasileira, área que ganhou maior público e fama naquele momento. A música pós Bossa Nova, foi sendo definida como de boa qualidade e estava cada vez mais dominada pelos revolucionários da esquerda partidária, Os compositores baianos e seus diversos contribuintes buscaram universalizar a MPB atribuindo a ela características da cultura jovem ao redor do mundo, como o rock, a psicodélia e a guitarra elétrica.

Afirmando o que foi dito no parágrafo anterior, vejamos:

Os Tropicalistas deram um histórico passo à frente no meio musical cultural. A música brasileira pós-Bossa Nova e a definição da qualidade musical no país estavam cada vez mais dominadas pelas posições tradicionais ou nacionalistas de movimentos ligados à esquerda. Contra essas tendências, o grupo baiano e seus colaboradores procuraram universalizar a linguagem da MPB, incorporando elementos da cultura jovem mundial, como o Rock, a psicodélica e a guitarra elétrica.<sup>4</sup>(OLIVEIRA)

Não era novidade nenhuma a insatisfação dos participantes do Movimento Tropicalista com o Regime Militar. Em suma suas músicas passaram sob “malha fina” da avaliação da censura. Os artistas tinham que se superar a cada composição mais para que suas mensagens metafóricas não fossem descobertas e os gerassem problemas dos mais diversos, podendo rendê-los sovas ou exílio. A possibilidade de mortes, no caso deles, era baixa, em virtude do amplo conhecimento popular.

Fazendo uma retrospectiva inicial, a movimento surgiu com inquietações por parte principalmente dos baianos Gilberto Gil e Caetano Veloso. Participantes de festivais, apreciadores de boas artes e até graduando, no caso

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://tropicalia.com.br/identifisignificados/movimento>.

de Gil, pela UFBA, eles foram agregando colegas que compraram a ideia e decidiram acompanhá-los. Só que a Tropicália não se reduziu a Bahia, porque encontrou em São Paulo uma outra banda com os mesmos intentos, Os Mutantes, tendo como vocalista Rita Lee. Depois daí, tudo foi se juntando e daquele caldeirão saindo artes diversas da mais fina qualidade.

Como era de suma importância na época, a emergente televisão brasileira tinha seus festivais musicais apresentados majoritariamente durante os finais de semanas. E foi justamente assim, após as apresentações de Caetano Veloso com a canção “Alegria, Alegria” e Gilberto Gil junto dOs Mutantes com a não menos famosa “Domingo no Parque” que a Tropicália ia se consolidando no cenário necessário, mesmo que ainda tida como marginal ou desconhecida por muitos.

Um ano depois, após todo grande sucesso do festival anterior, o também baiano Tom Zé apresentou a canção “São Paulo” no mesmo festival. Com isso, a crítica com olhar aguçado percebia a união daquele pequeno grupo de músicos com objetivos comuns, criticar de alguma forma a Ditadura Militar, a sociedade brasileira, a passividade nacional, a violência das Forças Armadas, etc. É muito vago ou superficial dizer que a Tropicália tinha objetivos apenas políticos e sociais, em um todo, a ideia era modificar o comportamento da população acerca das mais diversas atitudes, dentre elas: a tão discutida aqui passividade frente ao Regime Militar.

Aquilo que inquestionavelmente eleva o nível da Tropicália a voos mais altos ou lugares mais distantes foi a capacidade dela de abraçar, elencando as mais diversas artes. A partir desta perspectiva observamos as participações de: Hélio Oiticica nas Artes Plásticas, Gláuber Rocha e Roque Araújo no Cinema e José Celso Martinez Corrêa no Teatro. Dialogando diretamente com Movimento Antropofágico, encabeçados por Oswald e Mário de Andrade, que tinha a ideia de fazer uma releitura empírica do Brasil, trazendo fatos e contando ele com todas as suas problemáticas positivas ou negativas.

Façamos brevemente uma análise da Tropicália e sua mais diversa pluralidade artística com o MAU, Movimento Artístico Universitário.

MAU (Movimento Artístico Universitário): manifestação realizada às escondidas na casa do médico psiquiatra Aluizio Porto Carreiro de Miranda e sua esposa Maria Ruth, localizada na Rua Jaceguai nº 27, na Tijuca (RJ). Tudo começou de forma bem amistosa e despretensiosa, pois inicialmente era somente uma roda de amigos reunidos para cantar e compor boas canções. Mas o projeto vingou. Foi passando de boca a boca, a cada encontro mais instrumentos e novos integrantes, e aqueles sendo divididos livremente. Assim, alguns nomes da música brasileira começaram a serem figuras carimbadas nas rodas realizadas, sendo eles: Sílvia Maria, Cartola, Milton Nascimento, Nelson Cavaquinho, Jamelão, Ney Matogrosso, Emílio Santiago, Jackson do Pandeiro, Jerry Adriani, etc. Anos depois, o movimento lançou disco ainda com seus principais nomes, entre eles: Ivan Lins e Gonzaguinha. (Mira; et al. 2015)

Ora, pelo texto supracitado percebemos a disparidade entre ambos, aspecto aqui a ser apenas reiterado. Ambas estavam em desagrado com a Ditadura Militar, porém a Tropicália visava áreas culturais além da música, não tinha polo fixo, mas tinha pretensão bem clara em suas exposições, citando aqui apenas três fatores divergentes, enquanto o MAU era exclusivamente musical, com sede fixa dos encontros semanais e pretensões menos audaciosas abertamente, como se fosse algo mais interno ainda a ser, para a época, amadurecido e externado.

Outro aspecto também a ser lembrado é que o Movimento surgiu exatamente num dos momentos de maior repressão e furor por partes das autoridades governantes. Foram dois anos que coincidiram perfeitamente com o governo Costa e Silva, tido como de linha dura, criador do famoso e estrambótico AI-5 (Ato Institucional número 5), que pretendia decretar Estado de Sítio (quando o presidente sobrepõe suas ordens aos poderes Legislativo e Judiciário, pois ele é o soberano e Executivo), cassar mandatos coletivos, suspender o *habeas corpus* a qualquer cidadão, político ou não, etc.

Era previamente um balanço com forças distintas, mas proporcionais. Os militares com todo seu cabedal bélico e maioral na luta armada, tentando mostrar sua imposição a cada golpe desferido contra a sociedade, enquanto os tropicalistas apelavam aos poderes intelectuais, cantando canções ativistas, tentando provocar alvoroço contra o Sistema, buscando despertar o caráter comportamental reacionário a tudo aquilo que o ditador e os subordinados dele incidiam.

## **CONCLUSÃO**

Na verdade é com muito pesar que observamos que um movimento tão rico como a Tropicália teve sua vida ativa resumida em apenas dois anos. Os acréscimos e interferências foram diversos ao longo de toda trajetória nacional. Músicas dela influenciaram diretamente para a rebelião de 1985, ocasionando a queda do governo João Baptista Figueiredo (1979-1985) e o declínio do Regime Militar. A perspectiva aqui, apesar de não terem sido encontrados complementos palpáveis para tais complementações/afirmações efetivas, era justamente esta: mostrar a riqueza do tropicalismo e junto dela sua influência para o enriquecimento comportamental e intelectual na formação do brasileiro.

## REFERÊNCIAS

DE MATOS, Clarence José; NUNES, César A. Costa e Silva: a oposição cresce. **In: Manual Nova Cultura História do Brasil**. Integral ed. São Paulo: Nova Cultural, 2002. 175-177p.

GONDIM SANTOS, Fernando Antônio; COSTA SOUSA, Carlos David. Governo Costa e Silva (1967-1969). **In: Pré-universitário Ari de Sá**. 4ed. Fortaleza: Sistema Ari de Sá, 2013. 62-66p.

MIRA, Daiane Oliveira; et al. Universidade Católica do Salvador. **Ditadura Militar: aspectos intelectuais na formação do brasileiro**. Salvador, 2015.

OLIVEIRA, Ana de. **Movimento Tropicália**. Disponível em: <http://tropicalia.com.br/identifisignificados/movimento>. Acesso em: 21 de novembro de 2016.

**Tropicalismo**. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/musicacultura/tropicalismo.htm>. Acesso em: 21 de novembro de 2016.

**Tropicália**. Disponível em: <http://tudosobretropicalia.blogspot.com.br/search/label>. Acesso em: 22 de novembro de 2016..

AMARAL, Elaine Cristina Costa do. **Tropicália para brasileiro ver e ser**. Disponível em: <http://www.santacruz.br/v3/revistaacademica/13/cap11.pdf>. Acesso em: 24 de novembro de 2016.

GOULART, Ana Paula. Et al. **Tropicália: a contracultura na Música Popular Brasileira**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-sonora/tropicalia-a-contracultura-na-musica-popular-brasileira>. Acesso em: 24 de novembro de 2016.